

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2001- ANO V - Nº 59

EDITORIAL

“E deu à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria.” (Lc 2,7)

É Natal! Nasceu o Menino Deus! Ele chega para semear esperanças nos corações dos homens, tão pobres de amor, num mundo necessitado, cada vez mais, de paz.

Natal é lembrança, rememoração e convite à introspecção. Evoca agradáveis sensações que nos conduzem a reminiscências e ao encontro da família e amigos. Sentimentos como solidariedade, fraternidade, união, altruísmo, esperança, cooperação e voluntariado soam mais fortes nos corações de todos. As cidades se vestem em festas. Paire no ar um clima de alegria contagiante. Nessa festa, a maior da cristandade, não se pode deixar de render homenagens ao Recém-nascido e sua mensagem salvífica. Junto ao primeiro presépio, que trazemos plantado no nosso inconsciente, façamos uma reflexão, aproveitando o final do ano para avaliar como andam nossos relacionamentos com as pessoas, nossa participação no dia-a-dia da cidade e como nos comportamos frente aos problemas ambientais. Aproveitemos o Natal para um diálogo interior, cheio de bons propósitos e para tomada de posição e mudança de postura, corrigindo nossos erros, fortalecendo nossos acertos e planejando ações para o próximo ano.

Sem perder de vista a mensagem do Menino Deus e seu exemplo de amor, procuremos nos transformar e, com nosso exemplo, contagiar os outros. As respostas a esses propósitos de mudança no próximo ano serão maiores ou menores, de acordo com a possibilidade de doação de cada um, na construção de uma nova sociedade.

Oxalá a humanidade concretize os ardentes anseios de paz e de justiça, edificando sobre bases sólidas de compreensão e boa vontade uma sociedade justa e fraterna.

Que a natividade de Jesus Cristo, representada pelo bucolismo e mansidão do presépio, inspire os governos, para que possam recordar os ensinamentos do Menino e agir à luz da tolerância e amor ao próximo.



Chegada da locomotiva, em 24-11-01, com o grupo de operários que realizou o trabalho de restauro. A máquina está estacionada em frente à Estação “Estrela do Norte”.

Um histórico presente de Natal

Piquete acaba de ganhar de presente de Natal da IMBEL uma locomotiva, que ficará estacionada em frente à estação ferroviária Estrela do Norte. Essa máquina circulou pelo ramal férreo Lorena – Bemfica, nos primeiros anos do século XX, servindo à Fábrica de Pólvora sem Fumaça.

Repleta de referências históricas, ela é símbolo do progresso e do desenvolvimento trazido à região com a construção do ramal férreo e da Fábrica de Pólvora pelo Exército brasileiro. Essas obras militares tiveram início há 100 anos, logo após a visita do Ministro da Guerra, Mal. Mallet, a Lorena, no início de 1902. Por mais de sete décadas, o ramal férreo serviu Piquete. Após sua desativação, em dezembro de 1977, os trens deixaram de circular. Os trilhos foram retirados e, com o passar do tempo, a memória ferroviária foi se esmaecendo.

Plantada na paisagem, a Estação Rodrigues Alves, a principal do município, amarga descaso e abandono, correndo risco de ruir. Digna de aplausos a atual administração da IMBEL, que, apesar das dificuldades por que vem passando, não tem medido esforços para preservar seu patrimônio histórico-ambiental: mantém a Vila Militar Estrela do Norte, com seu casario, seus jardins, sua estação ferroviária, como quando de sua inauguração. E agora recupera essa locomotiva para nossa cidade.

De grande valor para a formação de nossa comunidade é o conhecimento de sua história. Daí a importância de se

resgatar e conhecer o seu passado. As gerações atuais têm obrigação de reescrever continuamente a história, para que não corramos o risco de ser um povo sem memória e, desta forma, sem meios de entender o presente e projetar o futuro.

Ciente da importância de nosso patrimônio cultural, a IMBEL, por iniciativa de sua diretoria e gerenciamento do Cel. Alfredo Araújo, concretiza esse sonho há muito acalentado pelos piquetenses – o de trazer de volta uma locomotiva para a cidade. Contou, para isso, com o trabalho esmerado de excelentes artesãos da empresa LL Jateamento, de Lavras / MG, constituída por ex-funcionários da Rede Ferroviária Federal, que tiveram à frente o Eng. Luiz Carlos de Souza, que coordenou os trabalhos de restauro dessa locomotiva. Esse grupo visa à preservação da memória ferroviária no país.

Os custos da obra foram financiados pela FHE-POUPEX, cujo diretor, Gen. Burmann, ciente do valor histórico e do pioneirismo das obras do Exército em Piquete, no início dos noventa, colaborou para que os trabalhos se concretizassem.

A chegada dessa locomotiva valorizou a Estação Estrela do Norte e seu entorno, e é bem-vinda no momento em que o município e a população vislumbram o turismo como melhor alternativa de desenvolvimento para Piquete.

Como no passado, o trem chega como sinal de boas-novas.

Imagem - Memória

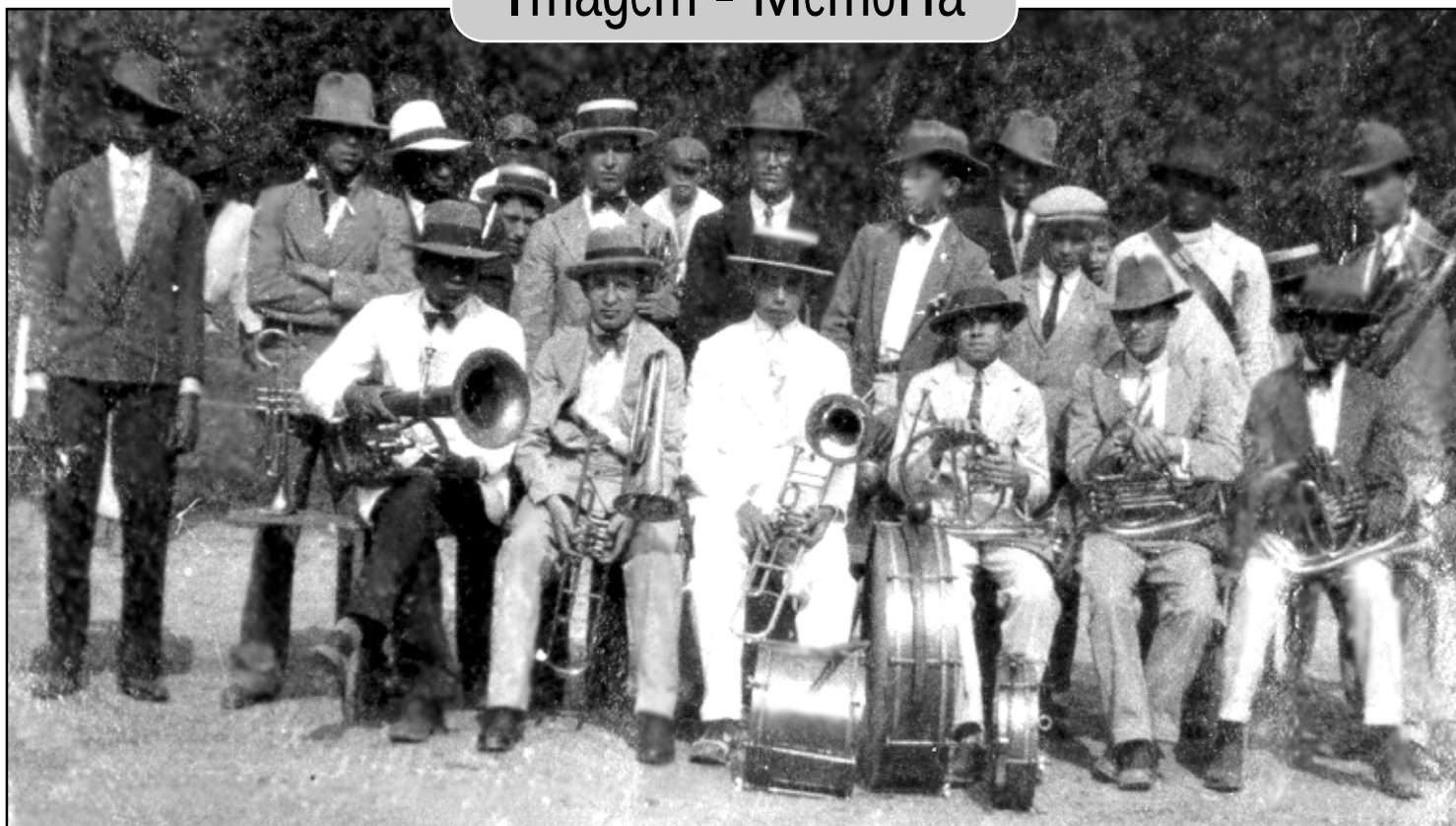


Foto arquivo Pro-Memória

“Lira Euterpe Piquetense”. Foto tirada no campo do Estrela, no dia 7 de setembro de 1930

Arejando a memória – A Euterpe Piquetense

Encontramos no jornal “O Sul de Minas”, de 22-06-1984, na coluna “Arejando a Memória”, mantida por muitos anos pelo Gen. João de Deus, piquetense recentemente falecido em Itajubá, com a idade de 103 anos, depoimentos de sua infância e juventude. Recorda como, quando e porque foi levado ao estudo da música. Escreve: “Por volta de 1913/14, andávamos às voltas com uma tosca flautinha de taquara, experimentando tocar de ouvido músicas populares, inclusive cantigas de roda do nosso tempo. Daí as nossas primeiras tendências para a música. O vigário da igreja de São Miguel Arcanjo, Pe. João Grippa, um tanto ou quanto secarrão, era, porém, uma boa alma, que se interessava pelas crianças do catecismo, e, entre outras, tomou também a iniciativa de proporcionar aos meninos um pouco do conhecimento da música. Como, não sei, mas conseguiu descobrir vocações musicais entre aqueles meninos freqüentadores do catecismo, organizando até um modesto coral.

Contando com a boa vontade do prefeito de então, Coronel José Mariano Ribeiro da Silva, contratou um professor de música para a gurizada que freqüentava a paróquia, nós inclusive.

Dessa época em diante, começamos a nos familiarizar com compassos binários e ternários, mínimas e semínimas, colcheias e semicolcheias, etc... Estávamos sendo introduzidos no difícil caminho da música, cuja transcendente grandeza não podíamos nunca imaginar. Eramos vários alunos de 12 a 15 anos, dos quais só nos ocorrem, no momento, os nomes de Inácio Marques da Silva, Jorge e Benedito Marques, seus irmãos.

Nosso primeiro professor de música foi o maestro Bonfiglio José de Oliveira,

residente na cidade de Guaratinguetá, que, duas vezes por semana, vinha a Piquete e, à noite, na sacristia da igreja, supeditava suas aulas aos seus primeiros alunos da localidade.

De nossa parte, não fizemos lá muitos progressos na arte da música, talvez, porque só recebemos noções musicais e não tivemos instrumentos em que pudéssemos, tocando, revelar nossa verdadeira vocação. Contudo, alguns privilegiados apareceram mais tarde.

Nós procuramos continuar nos instruindo, pois fizemos um curso de solfejo, tomando aulas particulares com o Sr. Pedro Juvenal Conrado, flautista, laureado que foi pelo então Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Esgotamos com o professor Conrado o método de solfejo de Jules Arnaud, professor francês dessa matéria. Até aí chegaram, nesse tempo, nossos conhecimentos musicais. Tínhamos que viver nossa vida e prover nossa subsistência. No conceito geral, à época, música era um “diletantismo” e dela, fisicamente, ninguém se nutria.

Apesar disso, organizou-se em nossa terra, o Piquete, uma Banda de Música que deu o que falar por muitos anos. Nesse tempo, já servíamos ao Exército. Não temos muita certeza se o professor Bonfiglio de Oliveira foi seu primeiro mestre e organizador, mas sei que dela fizeram parte muitos amigos meus de Piquete. O Antônio Vianna, o Henrique Mazziero, seus irmãos Eugênio e Adolfo, o Antenor, que foi contra-mestre da “Furiosa” e mais tarde foi para o 6º RI em Caçapava e chegou a mestre de banda militar. O Luiz Vieira Soares, maestro regente do Coral Santa Cecília, o João Galvão (Gão), atualmente tenente músico reformado do 5º RI, em Lorena; um outro ainda, José de

Oliveira Palma, que, por ser nosso consangüíneo, só podemos adiantar que, segundo dizem os que o conheceram, foi um dos grandes pistonistas no Vale do Paraíba. E há tantos outros companheiros que se tornaram músicos notáveis em Piquete. A “Furiosa”, como a chamavam no começo, apesar de um conjunto reduzido, foi grande na arte musical.

A pequena e notável “Lira Euterpe Piquetense” proporcionou, por muito tempo, muitas alegrias a nós todos, comparecendo galhardamente a diversas exposições públicas, inclusive vencendo concursos bandísticos em alguma emissora de rádio.

Hoje, dela, só existe uma doce e saudosa lembrança, assim como, também, dos que dela fizeram parte e já se foram! Resta, porém, com a nossa imensa saudade, um profundo, justo e sincero orgulho de nossa bandinha ‘Euterpe Piquetense’.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Seu Cotinha

Pretende se casar? Então terá que passar por ele. Há uns dois anos, devido ao afastamento do Juiz de Paz titular, José Arantes tem oficiado os casamentos em nossa cidade.

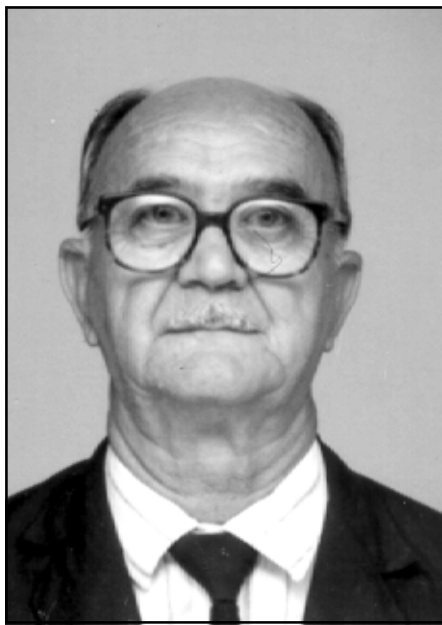
Piquetense, nascido em 08-01-1927, filho de Azer Arantes e Ambrosina da Encarnação Arantes, o popular “Cotinha” vem substituindo o titular, José Osmar D’Amico, nesta importante função, para a qual se orgulha de ter sido indicado. Já contabiliza 434 casamentos e espera “...ainda muitos mais.”

Cotinha vem de tradicional família piquetense. O apelido lhe foi dado pela irmã que o chamava por “totinha”. Da infância, lembra-se, entre outros fatos, de que só falou aos 5 anos e do período passado em São Paulo, durante a Revolução Constitucionalista, em 1932, motivo da perda de “uma pratinha” que esquecera no balcão do bar de seu pai: “me fez falta...”.

A educação rígida, sob fortes aspectos religiosos, fez com que fosse coroinha do Pe. Oswaldo Bindão, hoje Monsenhor. Iniciou os estudos no Grupo Escolar de Piquete. Recorda-se da última professora, Alcina Rodrigues, e cita também Celencina Guimarães. Coursou o Ginásio Industrial, de onde saiu, em 1945, para ingressar na Fábrica de Pólvoras. Logo em seguida, foi convidado para lecionar naquela renomada instituição. Ministrava aulas de tecnologia da madeira e marcenaria, ou seja, explicava nas salas de aula a teoria e, depois, a pratica nas oficinas. Cita o mestre Wili Viéti como contemporâneo.

A música, presença forte na família, não o atraiu muito. Tocou baixo na Banda do Ginásio, por 6 meses apenas: “era muito cansativo ter que levar o instrumento do prédio da escola até o salão da banda... desisti.”. Apesar disso, faz parte do Coral Santa Cecília.

Após a aposentadoria, em 3 de março de 1975, passou a colaborar com o Centro dos Aposentados de Piquete que, faz questão de lembrar, é fruto do trabalho do Sr. Joaquim Augusto. Foi presidente da entidade por 4 vezes, sendo, atualmente, seu vice-



presidente. Foi durante um de seus mandatos que se construiu a sua sede.

Participou também da Lira da Juventude Piquetense, do Montanhês Clube de Piquete e da Sociedade Beneficente dos Funcionários da FPPV.

Casado desde 29 de maio de 1954 com Elza Almeida Arantes, teve quatro filhos, que lhe deram 10 netos e 2 bisnetos. Para a esposa, “companheira fiel”, só tem elogios.

Hoje, Cotinha dedica grande parte de seu tempo à organização do mais rico acervo sobre a história do cinema em Piquete: mais de 4000 programas e cartazes dos filmes que foram projetados em nossa cidade. Separadas por anos, as pastas já organizadas mostram a meticulosidade deste cinéfilo piquetense. Não assistiu a todas as películas, disso tem certeza: mantém dois cadernos de que constam os títulos dos filmes assistidos ou não.

É assim, entre os compromissos com a comunidade, com a Igreja e com a família e o prazer de relembrar as belezas que lhe foram proporcionadas pela vida e pela sétima arte, que vive este popular piquetense.

2001 – Um balanço

Celso Colombo

Com a chegada do fim do ano, é bastante comum empresas e entidades contabilizarem suas contas e apurarem resultados. Independentemente do resultado alcançado, todas traçam planos de ajustes e melhorias para o novo período. E, por que não arriscar uma visão panorâmica do que foi este primeiro ano do novo milênio?

No campo espiritual, as diversas profecias não se concretizaram. Desculpas para tanto podem ser encontradas na defasagem dos anos do calendário gregoriano e na interpretação não acertada das visões e profecias. Entretanto, em função dos ataques terroristas de 11 de setembro a Nova Iorque, quase assistimos à ressurreição das batalhas das Cruzadas da Idade Média, com cristãos e muçulmanos se enfrentando em nome de Deus e de Alá.

O cenário do meio ambiente, de vital importância à vida no planeta, alterou-se para pior. Isto devido à continuidade dos desmatamentos, às queimadas e à extinção de espécies da flora e da fauna. Os países mais ricos do mundo não tomam parte, de forma efetiva, nas reconhecidas mudanças climáticas.

A economia globalizada, que exige produtos ecologicamente corretos, de alta tecnologia e qualidade, continua provocando desemprego, ampliando os conflitos e tensões sociais. Poucos se arriscam a palpar sobre a desaceleração da globalização. Até lá, podemos esperar agitos sociais, principalmente nas economias mais pobres e nas emergentes.

No campo da política, espera-se uma grande guinada nas relações internacionais, ditada pelo país mais rico e poderoso do planeta, os Estados Unidos, em função dos condenáveis ataques terroristas sofridos. A liberdade plena, inserida no conceito mais simples da democracia, pode estar ameaçada, pois todos nós, até que se prove o contrário, seremos cidadãos suspeitos.

A ciência e a tecnologia continuam seu progresso, e a materialização de curas de doenças, de forma rápida, está cada vez mais próxima. Ao lado disso, cirurgias menos desconfortáveis e medicamentos muito mais eficientes.

O comportamento social da espécie humana neste conturbado início de século projetou-se igualmente conturbado. Ao que parece, a desagregação da família avançou e o mercado de trabalho, encolhido, levou dezenas de milhares de jovens ao vício, às drogas e à prostituição.

No balanço geral, este primeiro ano do novo milênio não foi um ano de conquistas e grandes felicidades, mas servirá para o homem refletir sobre sua pequenez na imensidão do universo. Quem sabe, tudo o que aconteceu neste 2001 sirva de lição aos homens que, humildemente, passarão a reconhecer sua diminuta presença neste planeta azul e, em uma visão ainda utópica, lançarão ao fogo suas vaidades. O egoísmo cederá lugar à prática de ações coletivas, para a conquista permanente do bem-comum. Só assim teremos no planeta Terra uma nova vida, em que a amizade, a fraternidade, a solidariedade e o amor ao próximo irão predominar.

Família Arantes. Foto da década de 30. Seu “Cotinha” é o segundo menino, da direita para a esquerda.



Foto arquivo Pro-Memória

Gente de igualha

E Deus criou o homem à sua imagem.

Ele o criou à imagem de Deus: e criou-os homem e mulher. Então Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos; enchei a terra, e sujeitai-a e dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra. (Profecias)

Assim devem os maridos amar as suas mulheres como a seu próprio corpo. O que ama sua mulher ama a si mesmo(...). Por isso é que o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois em uma só carne.

(Epístola de São Paulo aos Efésios 5, 22-23)

O casamento é uma cerimônia fundadora da estrutura familiar. Representa aliança entre pessoas, famílias, etnias, classes e interesses. Ou, realizado em nome do amor, pretende significar emoções e sentimentos. Por ele batem-se duas ou mais pessoas, nele tramam-se as mais variadas paixões humanas, por ele matam-se e revivificam-se seres e motivos, por meio dele criam-se laços ou armadilhas e para ele dirigem-se os que, conduzidos pelo destino, pensam estar cumprindo desígnios, sendo ou não felizes! Por meio dele, mas não só por meio dele, nascem os filhos, criam-se mentalidades, reforçam-se estereótipos, anulam-se modelos feitos e rearranjam-se situações. São almeçados pelos que nele vêem a realização da espécie ou, pelos que, cumprida a missão de criar os filhos, esperam casá-los, para que tenham seus próprios rebentos e garantam a sacrossanta forma natural de gerar pessoas e garantir a humana vida, apesar de tudo... Como convém, casamentos dependem de pedidos, solicitações, honrarias, preparo e, às vezes, festas, comemorações, convenções, presenças, objetos rituais e atestados.

Nos modos religiosos, o casamento é uma das cerimônias fundamentais. Para as noivas é o momento sublime dos vestidos e seus apetrechos; hoje, também para o noivo, importa a boa presença, a aparência, as roupas, as etiquetas. Gente de igualha casa-se entre si. No momento sublime tudo é pontuado como num teatro, marcado, estabelecido, codificado e, salvo algumas variações, reforça-se a temática ou o

discurso do oficiante. Todo esse labor com direito a músicas, ao som de instrumentos específicos, mais a voz humana, ou a parafernália eletrônica dos musicais de fundo. Tambores e cornetas e clarins. Ou, o majestoso órgão.

Casa-se em qualquer lugar, até nas nuvens, ou no fundo do mar. Depende da criatividade. Na tradição, nos templos. A cerimônia segue ou não a fórmula secular e a platéia sempre vibra igualmente. Quando se abrem as portas de acesso ao transepto central, os ritmos respiratórios ressoam juntos. Fundem-se nos mesmos suspiros. Às vezes, é o retoque do conto de fadas; às vezes, o script do cinema. Incorporam-se os modelos introjetados no reforço das telas televisivas. Se não for gente de igualha, quer entre os noivos ou na platéia, o sussurro cresce. Fora dos padrões, o ato escandaliza e imediatiza uma espera do que vem pela frente.

Se as lágrimas ocorrem ao espocar dos flashes e das tomadas de câmera, o espetáculo está perfeito! No enigma das alianças, os infantes transportam a graça revestida de sons delicados. Cumpre-se o esperado.

Mas, também há fatalismos. Um deixa de comparecer. O destino traga um deles no vestibulo do acontecimento. Contrariados no não sucesso da união, desaparecem e enriquecem o imaginário popular. Sendo de igualha, mas não de lado político, ou de aceitação, tramam o desespero ou investem no desatino das fugas. Sendo gente de igualha, Romeu e

Julietta apaixonaram-se. As famílias eram rivais, lutavam, matavam e morriam por isso, e no século em que viveram, a vingança, como um prato a saborear, comia-se frio. Comer um prato já é uma metáfora terrível, pois ela vem destilada de muitos venenos eficazes. Shakespeare sabia disso, e dos gregos aprendeu o sentido das fatalidades. Não só para demonstrar as paixões humanas, exacerbadas como todas as paixões. Pois assim, em nome delas, casamentos fazem-se e desfazem-se. Casamentos feitos, ingredientes acrescentam-se. Um dia, um dos lados enfraquece-se e solta-se. Quando o desaparecimento é dessa natureza, representa perda total, mesmo quando o afeto já se perdeu. Mas a dor ainda é grande, pois a expectativa do costume não se foi de todo: as exigências, implicâncias e manias, e principalmente o gesto longínquo de algum carinho permanecem. Em nome disso, mata-se e morre-se.

Na roda das estações, casamentos desfazem-se e refazem-se na busca de compartilhamento: os filhos divididos física e emocionalmente. Salvem-se os bens se os há. Nas leis, a equivalência é ponderada. O desejo mesmo é somá-los. Mas, enfim, como toda empresa humana sujeita às relações imponderáveis que cerca seus territórios, o casamento carrega-se das determinações que o singularizam nos projetos da perenidade da reprodução da espécie.

Os projetos de clonagem alterariam essa tradição?

Dóli de Castro Ferreira

Mostra de Presépios



A maioria das cidades brasileiras promove exposições de presépios nesta época do ano. Utilizando diversas técnicas e diferentes matérias-primas – barro, madeira, palha, entre outras –, os artesãos montam presépios de todo tipo. Muitos inspiram-se na realidade local. Assim, utilizando os mesmos personagens – José, Maria, o Menino Jesus, os Reis Magos, pastores, animais e anjos –, a população, usando da criatividade, enfeita o país com presépios rurais e citadinos.

Visitar as exposições de presépios é viajar pelo universo da arte popular.

Em Piquete, a FCR estará novamente promovendo sua já tradicional Mostra de Presépios.



Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

A partir de 15-12-01

das 16h às 22h

Canto de Natal

O nosso menino
Nasceu em Belém.
Nasceu tão-somente
Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas
O nosso menino.
Mas a mãe sabia
Que ele era divino.

Vem para sofrer
A morte na cruz,
O nosso menino.
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita
O humano destino:
Louvemos a glória
De Jesus menino.

Manuel Bandeira

Natal

A grande ocorrência
Que nos conta o sino
É que, na indigência
Nasceu um menino.

Mil e novecentos
E cinquenta e três
Anos são peremptos
Dessa meninez

Muito tempo faz...
Mas ninguém olvida
Que é um dia de paz...
Porque fez-se a vida!

Vinícius de Moraes

Crônicas Pitorescas

Escocês na Praça

Palmyro Masiero

Ia entrando num banco e vinha saindo um sujeito. Quando bati os olhos nele, estourou lá dentro: “Eu conheço esse cara!”. Mas não consegui lembrar-me quem era... Com o próprio, isso não aconteceu. Não somente me reconheceu, como chegou-se entusiasmado:

– Como vai? Que bom te encontrar... Ia mesmo te telefonar.

Numa velocidade incrível, minha mente trabalhava buscando uma pista para descobrir quem seria o amigo ali... “Alguém da minha cidade?” “Antigo colega de escola, faculdade ou do Exército?”; “Sabe até meu telefone!...” Não podia deixar a coisa no vazio:

– Tudo em ordem... E você, vai bem?

Uma grande esperança na pergunta “vai bem?”. Talvez ele fosse daqueles que levam a pergunta a sério e relatam tudo sobre a própria vida, dando-me, assim, tempo para levantar o véu (véu, uma ova, o elmo) que cobria sua personalidade. “Quem é?”, martelava incessantemente lá no meu cérebro, na portinha da lembrança...

– Tudo legal – veio rápida e sequinha a resposta. – Ia telefonar-te para dizer que o Pedro passou lá pela minha casa e deixou um escocês legítimo de presente para você...

– “Minha Nossa Senhora! Quem é esse Pedro? Nenhum dos que conheço teria razão alguma para me fazer uma oferta dessas, pelo menos nesse período. Só se algum deles ganhou na loteca ou na bichoteca... Mas eu ficaria sabendo, pois nos vemos constantemente!”

– Pediu-me que transmitisse suas desculpas, pois passou por aqui correndo – voltou ele. – Sabes onde ele está agora?

Saber de que jeito? Será que sofri um ataque de amnésia sem dar por isso? Mas que absurdo de ataque esse que discrimina os dois? Respondi num arrisco:

– Na Europa?

– Não... Em Manaus! Tá ganhando uma nota preta lá na Zona Franca!

Esse Pedro seria algum trambiqueiro, quero dizer, transava lá esse negócio de contrabando ou coisa parecida para ganhar tanta grana? Dei mais um lance no escuro:

– O que é que ele está fazendo lá?

– Trabalhando na profissão dele, uai! Pegou uma boca rica, meu compadre!

“Será que o compadre foi força de expressão ou é real?”. Peguei a dica e disparei pela memória a fora: desfilei meus filhos com os respectivos padrinhos... Nada. Ele não estava no grupo e nenhum se chamava Pedro. E aqueles que batizei? Ídem... Eu me dei por vencido e estava pronto para perguntar quem eram ele e o Pedro, quando recebi um direto:

– Lembra-te do fogo que amarramos no baile de formatura do Pedro?

Confesso que este foi realmente o maior pileque da história mundial. Tão grande que consegui fazer-me esquecer do baile, da formatura, do homenageado – o Pedro – e até mesmo do porre!

– É... respondi chué, derrotado.

– Nossa, compadre (taí de novo o compadre), tenho que disparar porque meu tempo de estacionamento está vencendo e pego multa. Passa, então, lá em casa para pegar teu uísque – saiu apressado, batendo-me nos ombros.

Criei coragem e gritei: – Onde é que você está morando agora?

– Na mesma casa – distante respondeu.

Isso aconteceu algum tempo. Até o momento nenhum telefonema... Já passei pelo banco naquele e em outros horários e neça dele. Minha vida foi vasculhada e não encontrei nenhum dos dois. Estou no oco do vazio.

Ps.: Se o compadre aí estiver com o litro de uísque escocês legítimo deixado pelo Pedro para me ser entregue, telefone-me o mais rápido possível. Caso contrário, se descobrir quem é o Pedro, vou dedurar que nós temos um amigo em comum que não é digno de confiança.

De onde vem a palavra presépio?

Vem do latim *praeseptum*, palavra formada por *prae* (por causa de) e *sepes* (cerca, sebe), ou seja: estábulo, curral, cocheira. Na língua portuguesa, designa a instalação que representa o nascimento de Cristo.

Você sabia...

... que para lembrar aos fiéis o ambiente em que Jesus nasceu, São Francisco de Assis construiu o primeiro presépio, em Greccio, Itália, em 1223? Ele o exibia à meia-noite, hora simbólica do Natal. Seguiu-se a missa, que entrava pela hora em que os galos cantam. Daí surge o nome de missa do galo para esta celebração.



Leopoldo, o galo que quase virou passarinho

Uma esperta rapaziada reunia-se num bar da cidade a fim de tomar umas e outras, todo dia, à noite. A festa era movimentada e petiscosa. O tira-gosto sempre era o mesmo: queijo provolone com sal, azeite e orégão, calabresa fritinha acebolada e salsicha cozida com mostarda. Com o tempo, tudo foi ficando rotineiro e monótono.

Numa noite, um dos componentes da turma teve uma idéia magistral, daquela que necessitava de muita coragem. Haveria um sorteio entre eles, e o perdedor teria a incumbência de surrupiar de algum galinheiro uma penosa. Um franguinho na panela de pressão com batata seria o tira-gosto dos sonhos.

A idéia vingou. Houve o sorteio. O perdedor, na noite seguinte, seguiu para o ataque. Não demorou muito, chegou todo cansado e sujo de mato, mas sorrindo por ter executado a aposta. Ergueu as mãos e apresentou os troféus: uma galinha e um galo, ambos seguros pelas pernas e de cabeças para baixo.

Ainda teve um que lhe gozou:

– Você comprou? Foi fácil assim? Como o galinheiro vai despertar amanhã?

Lambendo os beiços, a turma sorria.

Ambos foram soltos no reservado do bar. Mansos, o galo esporeou, rodeou a galinha. Pareciam velhos conhecidos, talvez até namorados fossem. Faziam uma dupla de belos carijós.

E a galinha impiedosamente foi parar na panela de pressão e virou guisado de frango. Tira-gosto de que sobraram somente os ossos. Até o curachim devoraram. Naquela noite o destino do galo ficou traçado: sua desdita ficaria para a próxima petiscada. Seria feito a passarinho, com tempero especial.

E logo chegou a noite do dia seguinte.

Apareceu um, outro, aquele outro e todos estavam lá. Na entrada do bar, juntaram duas mesas e abriram a cervejada. Um deles gritou para o dono do bar:

– Ferve a água!

Como nada nesse mundo fica escondido, o dono dos galináceos soube da história e foi até o bar. Encontrou, logo na entrada, a moçada descontraída, batucando, tomando umas e cantando samba. E foi logo dizendo:

– Hei, vocês aí! Sumiu de casa uma galinha e um galo. Quem foi o dono da arte?

Alguém quis justificar-se:

– Não! O senhor deve estar enganado. Nós não fizemos isso!

Nisso, o galo que se encontrava

engradado lá no reservado, cacarejou. O dono não titubeou e gritou:

– Canta, Leopoldo!! Canta Leopoldo!!

E o galo cantou. Batendo asas, cantou alto e alegremente.

Formou-se um bafafá danado. Teve neguinho que quis sair pelo ladrão.

Ao ir em direção do canto do galo, o dono passou por um corredor onde ficava a cozinha: no fogo, a água do caldeirão pulava de fervura.

– É Leopoldo! Vem cá, me dê um abraço!

Deglutiram a Genoveva, mas você eu consegui salvar. Quase que você vira frango a passarinho!

E chorava grudado às penas salpicadas de branco e preto do amigo Leopoldo. O galo, baixinho, agradecia:

– Cocorocó, cocorocó!

Deu polícia na parada. A Genoveva foi indenizada na forma da Lei e o Leopoldo voltou ao velho galinheiro. Voltou com o coração entristecido pela ausência de sua doce namorada.

Mediante o fato, a turma dissolveu-se. E, por muito tempo, as alvoradas se encheram de alegria com o canto mavioso do Leopoldo, até ter morrido de velhice.

Edival da Silva Castro

Uma árvore de jambo

Na rua Cel. Pederneiras (ao lado da ponte), há um jambeiro solitário. Não dá frutos. A garotada travessa não lhe permite sequer o florescimento, quanto mais o frutificar.

Na fase das peraltices, ali fazíamos acrobacias. Faz quase sessenta anos... também lhe maltratávamos os galhos e a copada. Mesmo naquele tempo, era difícil colher algum jambo. Então, éramos “Tarzan – O rei dos macacos”. Somente hoje compreendemos os perigos dos saltos e balanços arriscados.

O rio passava-lhe perto. As enchentes, que tantos prejuízos deram a muitas famílias, nunca puderam arrancá-lo do barranco. A marcha do progresso não o atingiu diretamente. Seja a construção da ponte ou do muro de “pedra seca” (ao lado). As agressões da menina apenas o definham

pouco a pouco. Daí porque o vemos tão diferente. Envelhecido, galhos quebrados, sem a antiga copa frondosa, e esquecido.

O próprio lugar onde cresceu parece “terra de ninguém”. Nela sobrevive por algum acordo tácito com a natureza e os homens. Resignado, resiste a tudo. Humilha-se aos meninos que o magoam com as pedras que lhe atiram. Não reclama as lascas e folhas arrancadas. Lembra um pai ante as travessuras dos filhos... só muito mais tarde sentimos a censura e advertência da altivez paciente e muda.

Quando lhe passamos perto, avivam-se as lembranças. A ponte veio muito depois dele. O ribeirão que sempre o ameaça de perto. O “Poço da Sociedade” ... era um prolongamento das aventuras que lhe tecíamos à sombra. Da árvore de jambo, suarentos e alegres, lá íamos nadar. Em

seguida voltávamos aos galhos acolhedores.

Em certa ocasião, desafiámos o policial que nos dera um pega no poço (simplesmente por nadarmos “em pêlo”...). Na fuga, abrigamo-nos ali no jambeiro. Não houve rogos ou ameaças que nos fizessem descer. O soldado resolveu que desceríamos à força. Subiu, de botina e cinto na mão. O pega-pega exigiu malabarismos e ninguém o ajudou na tarefa ingrata. Afinal, vencido e exausto, desistiu. No entanto, profetizou que ainda seríamos internados no Instituto de Menores, em São Paulo. Infelizmente, acertou. Por alguns meses, fomos “hóspedes” daquela Casa, até fugirmos. Esta, porém, é outra história.

O “Poço da Sociedade” não existe mais. Do soldado-profeta nem lembramos o nome. O “velho” Pelegrine há muitos anos deixou esta vida. Recordamos que se atormentava com os casos do jambeiro, das natações (inclusive no rio de ácido), dos estilingues, das correrias pelos quintais alheios e tantas outras.

Restam saudades. Por alguma razão que nos foge, esse pé de jambo sempre nos leva a pensar nessa fase da meninice. Antes que algo lhe aconteça, vimos prestar este preito de gratidão à muda paciência. Comportamento de íntima relação ao das pessoas a quem tanto importunávamos e que nos perdoaram.

Ao exemplo dessa árvore amiga, aprendemos que aos pais compete a tolerância. Aos mais velhos, a renúncia em prol da juventude. Eis quanto colhemos do velho jambeiro... únicos e saborosos frutos em lições de verdades simples e inquestionáveis.

Nelo Pelegrine



Praça José Vieira Teixeira Pinto - Praça do Jambeiro

Foto arquivo Pro-Memória

A arte de montar presépios

No final do ano, inspirados pelo nascimento de Jesus, conforme as Escrituras, os povos do mundo inteiro, por tradição e fé, reproduzem as cenas do primeiro presépio.

Dos mais simples aos mais sofisticados, usando diferentes técnicas e materiais, artistas e anônimos se empenham na arte de montar presépios, atividade que cativa e atrai a curiosidade da população, que busca nessas representações o anúncio da Boa Nova.

Essa tradição natalina, bastante familiar no Brasil nasceu com São Francisco de Assis e foi por ele popularizada a partir de 1223, quando montou o primeiro presépio nos bosques de Greccio, na Umbria, Itália. O objetivo de São Francisco de Assis era difundir o culto ao Menino Jesus. A popularização veio entre os séculos XIII e XIV, com a inclusão de tipos populares, além de diferentes aspectos da vida do campo e das cidades.

A partir do século XVI, o presépio passou a se dramatizar, o que lhe deu caráter de teatro religioso, estimulado principalmente pelos jesuítas.

O presépio tem como personagens centrais o Deus Menino, que não pode ser representado ao vivo, sua Mãe e José, além dos animais domésticos, a manjedoura, os três Reis Magos, o Anjo da Glória, os pastores, gente do povo etc.

No interior brasileiro, a tradição é armar a "lapinha" - um presépio simples, que consiste num pedaço de tábua com varetas que, unidas, dão forma de abóboda, onde fica pendente o Anjo da Glória. O toldo é recoberto com papel de seda e enfeites de flores artificiais. O Deus Menino é deitado num cocho forrado com um pano enfeitado de rendas.

Em muitas cidades interioranas persiste o costume de visitar as casas que armam presépios. Os grupos visitantes saem à noite, lembrando a jornada dos Reis Magos, que se guiavam por uma estrela. Segundo as lendas e superstições, quem monta um presépio uma vez deve montá-lo por sete anos consecutivos e, a cada ano, incluir uma nova figura, pois acredita-se que sem isso deixa-se de homenagear o Menino Jesus.

Dos pequenos lugarejos aos grandes centros, das igrejas às grandes lojas, nas praças e nas matrizes, os presépios, neste período do ano, encantam a todos. A simplicidade da manjedoura, no centro de um presépio, leva-nos a um encontro com Cristo, nos convida à conversão e renovação, para transformarmos a sociedade e nela realizarmos o plano de amor ao Pai.

Antônio Carlos Chaves

Deus Comunicante

Abigayl Lea da Silva

André de Betsaida, irmão de Pedro e conterrâneo de Filipe. Com cautela, vai-se aproximando do grupo de um João que prepara a vinda de alguém que pode ser o Messias dos Profetas. Conta o que vê, conta o que ouve.

Deus não falou com André. Deus não falou com João.

De André inferimos que era curioso dos assuntos da fé. Terá Deus premiado sua curiosidade empurrando-o para João?

De João sabemos que exultou no ventre de sua mãe, avançada em anos, tida por estéril, quando Maria, também grávida, vem ajudar a prima nas vicissitudes do parto. Zacarias, seu pai, tinha sido avisado pelo arcanjo Gabriel de que haveria de preparar os caminhos do Senhor.

Para avisar Maria, mandou o arcanjo Gabriel. Para sossegar José, usou um anjo durante o sono.

Também um anjo levou os pastores ao presépio recompensando a vigília no trabalho; mas foi uma estrela que premiou a vigília dos Reis Magos nos estudos.

Parece não ter querido assustar com a presença de um anjo o eunuco superintendente de todos os tesouros da rainha Candace. Por isso o anjo pediu a Filipe de Betsaida que alcançasse o etíope na estrada e o instrísse e batizasse.

Usou a força física contra Jacó, que virou Israel, o que lutou contra o Senhor.

Para proteger o jovem Tobias, transformou o arcanjo Rafael em homem. Como homens se apresentaram também os anjos que avisaram Abraão de que Sara conceberia um filho.

A voz de Deus orientou profetas e reis. Assustou os ouvidos do menino Samuel e do adolescente Jeremias. E não há quem não se maravilhe com a interlocução com Moisés no Sinai e com Abraão na iminência da destruição de Sodoma.

A mesma voz foi ouvida durante o batismo de Jesus e a transfiguração do Tabor. Segundo Mateus, a voz de Deus insistiu na mensagem:

— “Eis meu filho muito amado em que pus toda minha afeição”;

— “Eis meu filho muito amado em quem pus toda minha afeição; ouvi-o”.

Em Pentecostes, Deus não falou, Deus fez falar. O sopro do Espírito Santo adentrou a reunião dos discípulos, línguas de fogo se puseram sobre suas cabeças e o conhecimento se instalou na mente rude dos galileus, que saíram pregando nas línguas dos peregrinos que visitavam Jerusalém.

Sonhos e visões também estabeleceram contato de Deus com os homens. De José do Egito ao Apocalipse de João, imagens trazem ensinamentos e recados para quem recebeu o dom de interpretá-las.

Minha ignorância faz força para entender os modos pelos quais Deus se comunica com os homens. Mas o chão foge completamente dos meus pés quando procuro adivinhar o motivo do silêncio de Deus em duas ocasiões.

A primeira, em Getsêmani, quando Jesus disse: “Meu pai, se é possível, passe longe de mim este cálice. Todavia não se faça o que eu quero, mas o que tu queres”. Três vezes interpelou e Deus não respondeu.

A segunda, no alto da cruz, quando se ouviu o brado sem resposta: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Minha esperança é que o aprofundamento nos estudos e o crescimento na fé me tragam alguma resposta.

Mas, que fique escondido o secundário e apareça o principal!

Foi através de seu filho Jesus Cristo que se comunicou melhor com suas criaturas. Deus se fez homem e habitou entre os homens.

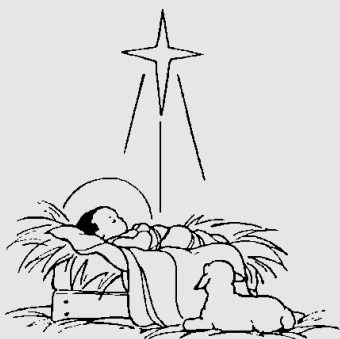
Jesus Cristo veio para responder a todas as inquietações, para dirimir todas as dúvidas. Chamou os apóstolos e pediu que confirmassem os que viriam depois deles. Cumpriu o que estava escrito e voltou ao Pai.

Homens equilibrados como João e Marcos, apaixonados como Paulo, devotados como Lucas, estudiosos como Tomás têm falado em nome de Deus.

Diante dos olhos das criaturas de Deus vai passar novamente a imagem do Menino do Presépio.

Outro menino, Samuel, me ensina o que fazer, o que dizer:

“Fala, Senhor, teu servo escuta!”



Natal é nascimento.

A cada ano, a cada dia, a cada mudança é preciso renascer.

A Fundação Christiano Rosa deseja que este renascimento aconteça no

Natal e seja uma constante no Novo Ano, como instrumento de conquistas, crescimento e auto-realização. Feliz Natal e Feliz Ano Novo!



Foto Francis Beckmann

A locomotiva que hoje se encontra em Piquete, antes do trabalho de restauro, em Lavras - MG.

O discurso e a prática

Entre o sonho e a realidade existe o querer.

Diz-se que entre o sonho e a realidade vai uma grande distância. Aprendi que quando sonhamos e queremos transformar nossos sonhos em realidade, precisamos transformá-los em projeto, dessa forma podemos materializá-lo. Vejamos o exemplo dos dirigentes da Imbel, em trazer de volta o trem e preservar a Estação da Estrela. Primeiro foi um sonho transformado em um projeto, com diferentes etapas. As

dificuldades, com certeza, foram muitas, porém o querer fez acontecer. Recursos financeiros não havia, buscaram-se parcerias e Piquete ganhou um conjunto urbano singular. Neste caso, mais uma vez deparamos com uma atitude de força de vontade de umas pessoas que, por sinal, não são piquetenses, mas que possuem sensibilidade e consciência de que a preservação da memória de um povo é obrigação de todo cidadão. Obrigado Imbel!

Ana Maria Gouvêa

Notas da Cidade

□ A ASTROCAP estará promovendo, entre os dias 14 e 16-12, o I Simpósio de Tropeirismo, que constará de palestras e atrações musicais e culturais. Estará inaugurando, também, sua sede, que receberá o nome Sinésio Ferreira, merecida homenagem a este que foi um dos grandes divulgadores de Piquete e do tropeirismo.

□ A Escola Professor Leopoldo promoveu, nos dias 30-11 e 01-12, a sua Feira Cultural. Com o tema "Lixo e poluição", tinha o objetivo de conscientizar alunos e familiares por meio de cartazes, maquetes, telejornais, declamações etc, sobre a poluição dos rios e da natureza, incitando ações de preservação do meio ambiente.

□ A Escola Modelo Objetivo promoveu, no dia 30-11, uma palestra ilustrada sobre violão, com o Prof. Paulo Maurício, que apresentou a história desse importante e popular instrumento musical. Muito bem apresentada, a palestra atraiu a atenção de alunos e convidados.

□ A E.E. Profª. "Leonor Guimarães" realizou, entre os dias 4 e 6 de dezembro, a "I Mostra Leonor Guimarães". Sob o tema "Piquete: Cidadania", em várias salas havia trabalhos que contavam, entre outras coisas, a história da cidade, da FCR e do cinema em Piquete. A abertura contou com a apresentação do Coral Santa Cecília e de danças de salão. Uma pequena publicação com textos de "piquetenses ausentes" foi apresentada por um grupo de alunos. Parabéns à organização!

□ A ACIAP – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Piquete – e a Prefeitura Municipal de Piquete promoveram, nos dias 08 e 09 de dezembro, o II torneio Integração, que constava de torneios de futebol dente de leite, de judô e de futsal. Já está se tornando tradicional este evento, que traz atletas de várias regiões para a cidade, divulgando Piquete e promovendo a prática do esporte entre jovens.

Um feliz natal!

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

O Santo Padre João Paulo II, em sua carta apostólica "Novo Millennio Ineunte", fala-nos de "Um Rosto a Contemplar" (Cap. II). "É missão da Igreja refletir a luz de Cristo em cada época da história e, por conseguinte, fazer resplandecer seu rosto também diante das gerações do novo milênio" (NMI 16). Devemos, para isso, ser "primeiro contemplativos de seu rosto" (NMI 16). Contemplar é ter o olhar voltado para o mistério, em atitude de acolhimento, e deixar-se tomar por sua beleza, cuja luz põe fim à longa noite da ausência e da solidão. Longe de Deus, a humanidade está irremediavelmente só, sem luz e sem destino. "Os homens de nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes falem de Cristo, mas também que de certa forma lh'O façam ver" (NMI 16).

Começa um novo século e um novo milênio sob a luz de Cristo. Nem todos, porém, vêem esta luz. A nós cabe a tarefa maravilhosa e exigente de ser seu reflexo. É o *mysterium lunae*, tão querido à contemplação dos santos padres, que usavam esta imagem para indicar como a Igreja depende de Cristo: Ele é o Sol, cuja luz ela reflete. Era uma maneira de exprimir o que Cristo disse quando se apresentou como a 'Luz do Mundo' (Jo 8,12) e pediu também a seus discípulos para serem a 'luz do mundo' (Mt 5,14)" (NMI 54). Refletido em nosso rosto, no brilho de nossos olhos, o Cristo nascido em Belém quer se dar a conhecer aos homens e mulheres de nosso tempo. Quando os pastores, avisados por anjos, correram até a gruta para ver o menino recém-nascido, viram na manjedoura apenas uma criança envolta em panos – pobres panos! – como seus próprios filhos, ao nascerem. Só quando levantaram seus olhos para a mãe – assim imagino – leram no brilho de seu olhar, iluminado de ternura e de encanto, a beleza do Filho de Deus que começava a morar no meio de nós. Foram contagiados pelo olhar da mãe. Ela era, naquela madrugada ainda escura, bela como a lua, lua cheia, plena da graça do Sol que começava a despontar no horizonte da história. E eles voltaram, saltitando e cantando, porque haviam visto a bondade e a misericórdia de seu Deus que os elegera para serem os primeiros a se banhar na luz de seu amor. Hoje a grande notícia dada aos pastores (Lc 2,11) ecoa com a mesma força em nossos corações e é capaz de renovar em nós a certeza esperançosa de que nossa vida e nosso mundo podem ser diferentes, pela busca do amor e da paz. Que a mãe, Maria, nos empreste por um instante seus olhos, para que possamos contemplar o mistério do Menino e, cheios de sua luz, possamos ajudar muitos outros a descobri-lo como luz para suas vidas! Para todos um Feliz NATAL!

Não vamos ficar nos lamentando diante das páginas borradas do livro da nossa vida. No Ano Novo, uma nova página nos é dada. Que possamos preenchê-la com sabedoria.

Henry I. Sobel